



O PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

12.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Objetivam avaliar o desempenho acadêmico do aluno no que diz respeito a sua aprendizagem.

Como temos visto até aqui, a seleção, a organização e a elaboração de instrumentos de avaliação exigem do professor a atenção especial sobre:

- a natureza do componente curricular;
- os métodos e procedimentos utilizados durante as aulas;
- as condições de tempo do professor.

12.2.1 Portfólios e/ou registros pessoais

Os portfólios e registros pessoais são formas de comunicação dos resultados como um modo de coletar informações a partir das percepções do aluno em relação ao trabalho do professor.

Para Barton e Collins (1997, p. 3):

"Cada portfólio é uma criação única porque o aluno seleciona as evidências de aprendizagem e inclui reflexões sobre o processo desenvolvido".

Os portfólios possibilitam aos alunos o registro de modo contínuo, das experiências significativas do seu processo formativo.

São organizados em um tempo dedicado a esse propósito. Podem ser escritos em folhas a partir de questões ou palavras-chave que indicam ao aluno os aspectos a serem descritos. Reunir as amostras dos trabalhos dos alunos evidencia seus avanços por meio de produções variadas.

Os registros pessoais tendem a dar maior ênfase nos aspectos pessoais e sociais, sendo também organizados durante um tempo programado, podendo articular-se com experiências de trabalho dentro e fora da instituição.

Hargreaves (2001) apud Melchior (2003, p. 147) enumera as vantagens do uso de portfólio e registro pessoal. Ambos "procuram motivar os alunos ao fornecer-lhes 'algo' para mostrar seus esforços (...). Fornecem ao aluno oportunidades de refletir sobre suas experiências e êxitos dentro e fora da instituição. Estimulam e apresentam alguma forma de reconhecimento, o que contribui para melhorar a auto-estima".

Além destas é possível numerar outras vantagens mencionadas por Hargreaves (2001) apud Villas Boas (2004, p. 42):

"Os alunos declaram sua identidade, isto é, mostram-se não apenas como

 [Acesse os tópicos](#)

[12 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E DE DESENVOLVIMENTO ACADÊMICO GERAL; O SENTIDO ÉTICO DA AVALIAÇÃO; REFLEXÕES CONCLUSIVAS](#)

[12.1 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE DESENVOLVIMENTO GERAL](#)

[12.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM](#)

[REFERÊNCIAS](#)

alunos, mas como sujeitos dispostos a aprender. O aluno percebe que o trabalho lhe pertence; portanto, cabe assumir responsabilidade sobre sua execução. Motiva o aluno a buscar formas diferentes de aprender, suas produções revelam suas capacidades e potencialidades, as quais poderão ser apreciadas por várias pessoas”.

Há ainda a possibilidade do portfólio ser apresentado a possíveis empregadores, já que o seu valor principal está menos nos produtos do que nos processos formativos da avaliação.

Barton e Collins (1997, p. 2) enumeram sete características para o desenvolvimento de portfólios, a saber:

- permitem avaliar variedade de evidências;
- são autênticos;
- são dinâmicos;
- são propositivos;
- são integradores;
- são de pertencimento;
- são multipropositais.

Pela descrição, já foi possível perceber que os registros pessoais e portfólios oferecem uma variedade mais ampla de êxitos ao aluno do que as comunicações através de outros resultados.

No Brasil, o uso de portfólio ainda não se consolidou como instrumento de avaliação no ensino superior.

Para Alves (2003, p. 106) o portfólio e o registro permitem o desenvolvimento de um processo de metacognição, “buscando explicitar as formas em que a aprendizagem e as dificuldades são percebidas e reencaminhadas”.

Os pensamentos metacognitivos incluem o que a pessoa conhece sobre sua representação interna, como ela funciona e como a pessoa se sente em relação a ela.

Os portfólios do aprendizado dos alunos são possibilidades que se estendem também para os professores.

O portfólio de ensino é uma descrição analítica das realizações do professor, acrescida de documentos que subsidiarão sua auto-avaliação.

Para saber mais sobre o assunto consulte as seguintes obras:

1) Processos de Ensino na Universidade – Lea das Graças Camargos Anastasiou e Leonir Pessate Alves – Joiville, SC: Univille, 2005.

2) Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico. – Benigna Maria de Freitas, Villas Boas, Campinas, SP: Papirus, 2004.

12.2.2 Elaboração de textos

A partir de leituras e pesquisas contínuas, o aluno pode elaborar textos em que se atribui nota ou conceito provisório, para que o possa reelaborá-lo quantas vezes necessitar. Nesse processo, exercita a habilidade de argumentar, fundamentar, construir, desconstruir, interpretar leis, dados e fatos até que consiga dar consistência teórico-metodológica ao que pesquisa.

O erro é sempre parte integrante da aprendizagem e a nota atribuída encontra uma razão de ser: diagnosticar para cuidar, a fim de ser oferecida uma nova oportunidade de aprender.

Segundo Demo (2004, p. 126), é preciso desenvolver ambiente acadêmico para evitar que a constituição de educação superior "possa ter futuro apenas como supermercado de aulas".

Considerando que a Universidade é sustentada pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão, a pesquisa é uma valiosa técnica de desenvolvimento profissional por integrar a dimensão teoria-prática.

Para Freire (1997, p. 32) "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino". Em outras palavras, enquanto ocorre o ensino, as indagações e as constatações se fundem com a necessidade de investigar, de buscar mais e mais "verdades", constituídas no processo dialético da tese-antítese e síntese.

Segue daí uma redefinição do papel do professor e do aluno de se tornarem pesquisadores por meio de instrumentos que permitam aproximações com a realidade.

Portanto, os textos, os relatórios e as narrativas produzidos pelos alunos possibilitam perceber as leituras de mundo, ingredientes essenciais a sua autonomia.

12.2.3 Testagem

Ao falar de teste, de exame, estamos nos referindo à prova, instrumento mais conhecido entre os professores, que é estruturada em torno de um número limitado de perguntas que o aluno deve responder.

Pelas características do desenvolvimento do aluno, pela metodologia utilizada pelo professor em sala de aula e pelo tempo disponível, dentre outros, é possível planejar a avaliação.

Quando bem utilizada, a prova cumpre funções que podem ser educativamente válidas.

As distorções e a insensatez que são cometidas por meio dela não são imputáveis, em princípio, ao instrumento em si, mas, sim a quem faz tais usos (alunos), que são, em parte, fruto da formação incompleta dos professores.

Uma coisa é certa: se bem conduzido o processo avaliativo, ele não se restringirá ao uso exclusivo de provas.

12.2.4 Critérios para elaboração de questões

Ao longo da disciplina têm sido apresentadas concepções, orientações e reflexões sobre a avaliação e

seu modo de conduzi-la para o alcance das "utopias" necessárias a uma formação dos alunos universitários.

Dada a complexidade do processo avaliativo, o professor deve se cercar de todos os conhecimentos possíveis para situar-se, com consciência e compromisso, para essa grandiosa tarefa.

Nesse sentido, a elaboração de questões, para qualquer tipo de testagem, traduz intenções e pretensões que não se limitam a aspectos cognitivos. Este fato, por si só nos coloca diante de alguns desafios. O primeiro deles diz respeito a avaliar aquilo que é observável.

No momento em que elaboramos objetivos, estabelecemos uma conduta a ser enunciada.

O que fazer quando essa conduta está sujeita a diferentes interpretações?

Nem tudo é mensurável numa situação educacional, desde então, nossos julgamentos transcendem a utilização de um instrumental, e muitas vezes intuímos sobre alguns aspectos. Assim, é necessário um olhar profissional que seja capaz de detectar o significado do visível e, às vezes, as razões do não tão claramente visível.

O outro argumento importante é o de que não parece ser tão simples evitar que, no transcurso do ensino, possam ser geradas aprendizagens significativas que não estejam previstas de maneira formal no plano de ensino.

É evidente que quando planejamos, não podemos prever todas as ocorrências. É preciso deixar a porta entreaberta para a indeterminação, a flexibilidade para incluir novos elementos, novas práticas para contemplar as situações inéditas.

Eisner (1983, p. 260) ratifica esta postura: "a quantidade, o tipo e a qualidade da aprendizagem que ocorre em aula, especialmente quando existe uma interação entre os alunos, só são previsíveis em uma mínima parte".

A idéia básica aqui é: o professor deve ir ajustando o processo e as condutas cada vez que seus "óculos conceituais" – por meio dos quais observa a realidade, visualizarem sua necessária intervenção.

Assim sendo, as questões devem ser os veículos por meio dos quais estas adequações se materializem.

A seguir serão apresentadas suas principais características:

Objetividade: delimitar-se ao que é pretendido para não fugir do foco.

Relevância: incluir conhecimentos que sejam essenciais à formação do aluno.

Fidedignidade e Validade: dizem respeito ao rigor, a precisão e a finalidade do que se avalia.

Utilidade: algo é útil quando é capaz de satisfazer a necessidade para a qual foi criado. Nesse caso a questão deve contemplar esse requisito.

Pertinência e Oportunidade: referem-se à adequação com os objetivos propostos e às

circunstâncias de sua aplicação.

Interdisciplinaridade: tem a ver com integração de áreas de conhecimento numa proposição ou solução de problemas.

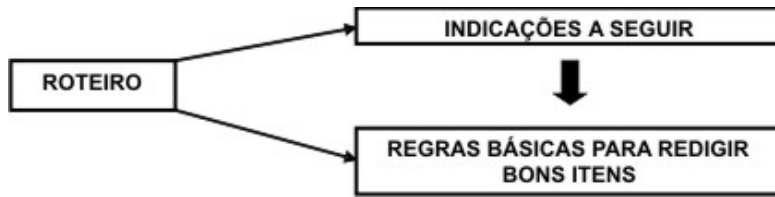
Contextualização: está relacionada ao contexto e ao cotidiano.

Agora você vai ler uma história que ilustra a importância do que deve ser buscado em avaliação. A seguir, escreva sobre os critérios levados em consideração para a escolha do cavalo. Você usaria os mesmos critérios? Justifique.

O Duque Mu de Chin disse ao seu amigo Po Lô: "Você já está com idade avançada, mas diga-me, há alguém na sua família que poderia me conseguir um bom cavalo?" Po Lô respondeu: "um bom cavalo pode ser escolhido pelo seu porte geral e pela aparência. Mas um cavalo superlativo, um que não levante poeira e não deixe rastro, é algo evanescente e leve, impalpável como ar rarefeito. O talento de meus filhos, lamento dizer, está em um plano inferior. Eles conseguem identificar um bom cavalo quando o vêem, mas não sabem identificar um cavalo superlativo. Tenho, no entanto, um amigo, Fang Kao, um mascate, que em matéria de cavalos não é inferior a mim. Fale com ele". O Duque seguiu o seu conselho e enviou Fang Kao em busca de um cavalo. Três meses mais tarde Fang retornou com a notícia de que havia encontrado o cavalo. "Ele está no povoado de Cha Chiu", explicou. "Que tipo de cavalo é?" - quis saber o Duque. Fang Kao coçou a cabeça e, sem convicção disse: "é uma égua ruça". Entretanto, quando o Duque mandou buscar o animal soube que se tratava não de uma égua ruça, mas sim de um garanhão preto. Muito insatisfeito, foi tirar satisfação de Po Lô. "Aquele seu amigo", disse irritado, "fez uma grandessíssima confusão. Pelo amor de Deus, Po Lô, ele sequer sabe distinguir a cor e o sexo do animal... o que poderá entender de cavalos?" Po Lô deixou, então, escapar um sorriso de satisfação. "Ele realmente chegou a tanto!", exclamou. "Neste caso ele vale mil vezes o que valho. Não há mais comparação entre nós. O que interessa a Fang Kao é o mecanismo espiritual. Ao certificar-se do essencial ele esquece dos detalhes sem importância. Concentrado nas qualidades interiores, ele esquece das exteriores. Ele vê o que procura e não o que não importa. Ele olha para o que se deve olhar. Fang Kao é um avaliador de cavalos tão competente que está nele a necessidade de buscar algo superior aos cavalos". Quando enfim o cavalo chegou, descobriram tratar-se de fato de um cavalo superlativo. O melhor de toda a China.

Em cada avaliação devem ser buscadas as questões essenciais e, de alguma forma, quando elaboramos instrumentos, estamos sempre brigando com esta questão. Nós temos que fazer algum tipo de seleção porque nós não podemos transportar a realidade do mundo estatístico para os textos e as questões que produzimos. Os textos acabam sendo sempre uma representação, e é aí que a dificuldade surge.

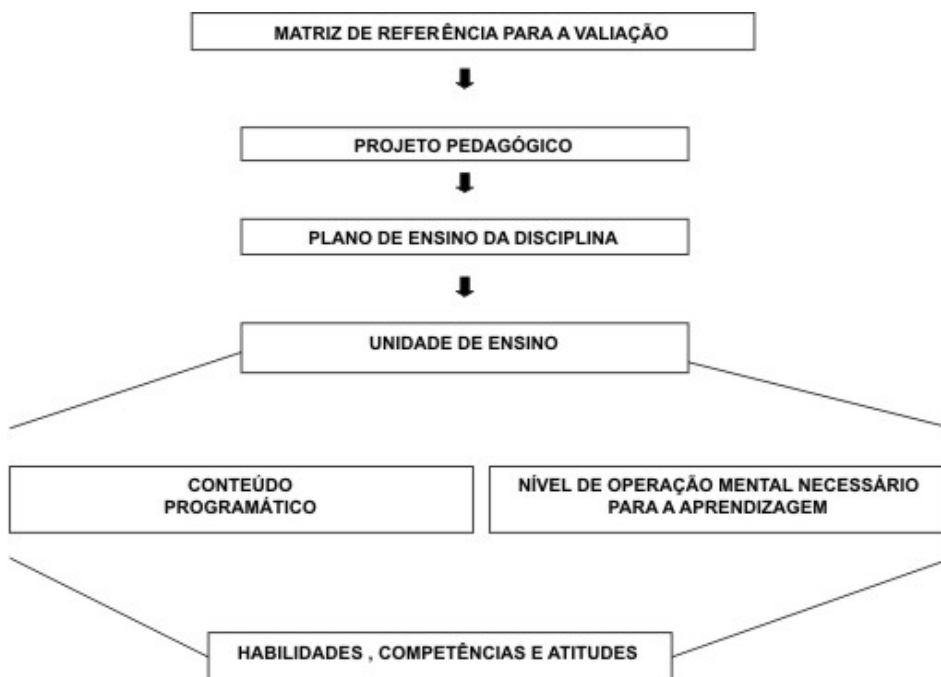
12.2.5 Roteiro para elaboração de itens



Toda avaliação deve estar baseada em uma Matriz de Referência, que servirá de apoio e direção para o que deve ser exigido do aluno. Isto é, o currículo do curso como um todo e os componentes curriculares de cada série/semestre devem ter um conjunto de competências e habilidades esperadas dos alunos, que serão as referências por meio das quais os alunos serão formados para este ou aquele perfil profissional.

Nesse sentido, o plano de ensino será um valioso instrumento de trabalho do docente ao prever os descritores desejáveis em cada unidade do conteúdo, de modo a facilitar todas as escolhas do docente sobre o quê, como e para quê perguntar ao aluno.

O esquema desse processo poderia ser assim representado:



12.2.6 Modalidades de provas

Além das provas (dissertativas / objetivas) realizadas individualmente e sem consulta de material, há aquelas que o professor pode aplicar, levando em conta outros aspectos, tais como:

- **Prova de Livro Aberto**

Esta prova se processa com base em casos, (cases), situações inéditas ou problemáticas e para solucioná-las, será permitido ao aluno o uso de livros ou textos referenciados ao assunto.

Nesse caso, as habilidades desejadas têm a ver com as capacidades de associação, correlação, a transferência, a dedução ou indução de conhecimentos, em vez da mera repetição de dados

estereotipadamente assimilados.

Assim, neste tipo de prova procura-se mais verificar a dinâmica dos conhecimentos do que, propriamente os conhecimentos em si. A justificativa do uso do livro e ou materiais bibliográficos auxiliares é para fornecer subsídios, mas não a solução às questões propostas. Nesse caso, o professor deve preparar a avaliação, de tal modo criteriosa, que seja instaurado um processo de pesquisa como elemento de construção e ressignificação do conhecimento. Para isso a complexidade do estudo de caso e ou as situações problemáticas devem justificar o uso de livros ou similares.

● **Provas Práticas ou Prático-orais**

A prova prática coloca o aluno diante de situações reais ou fictícias, ou mesmo diante de objetos ou elementos, nas quais ele terá de apresentar soluções, fazer identificação ou reconhecimento de elementos. Pode ocorrer também que o aluno seja posto diante de uma situação problema que deverá ser resolvida, ou talvez a prova se constitua no uso correto de aparelhos, mapas ou tabelas.

A prova prático-oral, além de verificar o conhecimento teórico, afere habilidades, segurança e domínio de técnicas, bem como o manejo de instrumental especializado.

● **Provas Diferenciadas**

As provas diferenciadas são aquelas destinadas à recuperação dos educandos que não tenham sido bem sucedidos em avaliações anteriores.

Após um período de estudos de recuperação, o professor pode se valer de vários outros instrumentos juntamente com a prova, a fim de integrar os alunos ao circuito dos demais.

Nesta modalidade o professor pode optar por realizá-las individualmente e/ou em grupos.

O propósito aqui é a avaliação de continuidade ou formativa para reorientar o processo de aprendizagem do aluno e do trabalho do professor.

● **Provas em grupo**

As provas podem deixar de ser individuais para serem realizadas em grupo. Neste caso, é importante que os grupos sejam constituídos, no máximo de 5 alunos para permitir a participação de todos, e o volume de vozes no ambiente não interfira na concentração da atividade.

As provas em grupo podem oferecer duas modalidades: sem consulta e com consulta.

Prova em grupo sem consulta: nela os alunos discutem, trocam idéias, constroem coletivamente as respostas a partir do que estudaram, sem consulta a nenhum material.

Prova em grupo com consulta: a prova pode ser coletiva e, ainda, com permissão de consulta a livros e apontamentos. Neste caso, as proposições ou questões devem exigir habilidades mais complexas do pensamento, para justificar as duas condições privilegiadas.

● **Provas mistas**

As provas mistas são aquelas feitas em dois tempos e de duas modalidades.

A prova consta de duas partes: uma, para ser realizada no primeiro tempo, individualmente; a outra para ser realizada, no segundo tempo, em grupo.

A parte individual, do primeiro tempo, destina-se a verificar as habilidades de pensamento de cada aluno.

A parte grupal, do segundo tempo, destina-se a aplicação ou a perspectiva mais complexa do conhecimento, sendo discutida e construída coletivamente.

• Prova oral

Embora tenha sido o recurso de avaliação mais usado até o final do século XIX, a prova oral caiu em desuso, há algum tempo.

A principal defesa a seu favor é a habilidade de expressão oral e a desenvoltura na apresentação de um assunto.

A democratização massificou o ensino, o que se constitui em grande empecilho para sua utilização. Além disso, ela é inconveniente por abarcar um número reduzido de temas, oferecendo uma amostra pouco significativa; os atributos pessoais do aluno acabam por interferir no resultado; sendo o julgamento imediato, torna-se subjetivo, já que não há padrões fixos de abordagem; por ser individualizada, a avaliação demanda muito tempo.

Em que pesem estas desvantagens, a prova oral é especialmente recomendada no ensino de línguas.

Os defensores das arguições e das provas orais consideram ser difícil admitir cursos em que professores e alunos só se relacionem pela linguagem escrita ou mesmo pela linguagem das cruzinhas.

Pense e reflita!

Você é favorável à prova oral e às arguições? Por quê?

• Prova Objetiva

A prova de questões objetivas, ou também denominada de testes, avalia a extensão do conteúdo e, ao invés de respostas abertas, pede-se que o aluno escolha uma resposta entre alternativas possíveis de respostas.

Dada a sua característica de ser abrangente, possibilita a elaboração de um maior número de questões.

Por exigirem respostas mais precisas, é possível controlar a interferência de fatores subjetivos dos alunos e do professor.

Vantagens:

- fáceis de corrigir;
- pouco tempo para correção;
- possível correção mecânica;
- possibilidade de avaliar, em extensão, maior quantidade de conteúdo.

Desvantagens:

- mais difíceis de elaborar;
- atomizam o conhecimento;
- mecanizam o aluno;
- facilitam a "cola";
- possível resposta no "chute ou azar";
- conseqüente "desnecessidade" do estudo.

Tipos de questões objetivas**Quadro 2 - Tipos de questões**

TIPOS	CARACTERIZAÇÃO
LOCALIZAÇÃO	<p>É uma técnica de cunho visual.</p> <p>Apresentado um mapa, esquema, ilustração ou frase, pede-se que o aluno apenas assinale, complemente ou escreva algum elemento.</p> <p>ATENÇÃO! Esta técnica é fundamental e de grande efeito para a aprendizagem (entra pelos olhos), apesar de pouco utilizada.</p>
FALSO X VERDADEIRO	<p>Num conjunto de afirmações, o aluno distingue as falsas das verdadeiras. Cada informação deve incluir apenas uma idéia central significativa. Evite o uso do "não" e de expressões absolutas ou específicas como "todo", "nunca", "às vezes", "inevitavelmente", "exclusivamente"...</p> <p>ATENÇÃO! As afirmações terão que evitar serem óbvias ou ambíguas. Derivações desta técnica: SIM / NÃO NUNCA / SEMPRE; CERTO / ERRADO.</p> <p>As afirmativas corretas devem ser em número superior ao das incorretas.</p>
ESCOLHA SIMPLES	<p>Dados vários elementos ou afirmações alternativas, o aluno apenas indica qual é a correta ou incorreta. É o famoso (X). Não se deve solicitar as incorretas. O número de alternativas corretas deve ser superior ao das incorretas.</p>
OPINIÃO	<p>Apresentando um conjunto de elementos sem nexos, o aluno deverá colocá-los numa seqüência lógica.</p>

ORDENAMENTO	<p>ATENÇÃO: para colocar os elementos em ordem lógica, deve ser dado o critério de ordenamento: idade, tamanho, evolução, distância, peso ou qualquer outro.</p>
CORRESPONDÊNCIA	<p>Dados dois conjuntos diferentes, pede-se a relação lógica entre os elementos de um e outro conjunto.</p>
LACUNA	<p>Apresentada uma afirmação, esquema ou fluxo, detecta-se a falta de algum elemento para completar o sentido.</p> <p>FUNDAMENTAL: constar o ponto de referência e pedir somente um elemento essencial ou palavra-chave. Nunca iniciar com lacuna. Começar com uma questão direta.</p> <p>É técnica muito fácil.</p>
LISTAGEM	<p>Dado um critério ou um ponto de referência, pede-se uma série de dados ou termos.</p> <p>A listagem não implica necessariamente a seqüência lógica. Neste caso seria "Ordenamento".</p>
EVOCAÇÃO	<p>Dada uma introdução ou definição, o aluno recorda e dá o nome ou dado do que foi pedido.</p> <p>A evocação é normalmente solicitada em forma de pergunta: Quando? Qual? Onde? Quem?...</p> <p>Assemelha-se à identificação, só que se trata de características mais secundárias, subjetivas ou incompletas.</p>
ASSOCIAÇÃO	<p>É a relação lógica que deve ser encontrada entre duas ou mais informações, dados ou ilustrações. Por exemplo: dão-se os elementos e pede-se a relação entre eles; dá-se a relação e pede-se os elementos que a compõem.</p> <p>ATENÇÃO: um dos dados ou elementos está ausente, senão seria apenas uma correspondência.</p>
DESCRIÇÃO	<p>Trata-se de mencionar algumas características de determinado objeto ou tema proposto.</p> <p>O objeto de descrição pode ser apresentado por palavras ou simplesmente de forma gráfica, visual.</p>
IDENTIFICAÇÃO	<p>São dados alguns elementos ou características fundamentais a partir das quais o aluno descobre o objeto ou termo correspondente.</p> <p>Tais elementos ou características terão que ser essenciais e exclusivos para evitar a duplicidade ou ambigüidade da resposta.</p> <p>Os subsídios para identificação são freqüentes dados de</p>

	forma visual.
DEFINIÇÃO	Dado o termo, pede-se uma explicação essencial e exclusiva do mesmo. ATENÇÃO: as afirmações feitas só podem ser atribuídas ao termo definido, senão a definição será imprecisa, ambígua ou errônea.
DIFERENCIAÇÃO	Apresentados dois ou mais objetos, aspectos ou conceitos, pede-se ao aluno que expresse de forma comparativa aquilo que especificamente distingue um do outro. O essencial desta técnica está na expressão da diferença específica e jamais nos elementos que são comuns. ATENÇÃO: não se trata de dar a definição que se pressupõe, mas de assinalar a diferença essencial.
CLASSIFICAÇÃO	Dados vários elementos desconexos (animais, plantas, objetos, conceitos, fatos, obras...), pede-se ao aluno que os agrupe de acordo com determinado(s) critério(s). Pode-se também fazer o contrário: dão-se os elementos já agrupados e pede-se ao aluno qual foi o critério de classificação. ATENÇÃO: sem critério não existe classificação.
APLICAÇÃO	A partir de uma fórmula, conceito, princípio, método ou teorema, pede-se ao aluno para resolver determinado problema. Os elementos citados podem ser dados ou subentendidos.
DEDUÇÃO	Dada uma ou mais afirmações corretas, solicita-se ao aluno que complete a linha de raciocínio. Normalmente pede-se uma conclusão. Esta pode ser solicitada no nível da pergunta.
JUSTIFICAÇÃO	Proposta uma tese, um conceito ou um dado observável (figura, ilustração, esquema) pede-se que exponha as razões ou argumentos do afirmado ou observado.
DISSERTAÇÃO	Dá-se o tema e pede-se uma expansão normalmente, o tema é precedido de contexto, motivação ou alguns tópicos (esquema) que facilitem a abordagem do aluno. Esta técnica consiste, essencialmente, numa redação com introdução, desenvolvimento e conclusão.
JULGAMENTO	Apresenta a questão (tese, fato, princípio, norma), pede-se ao aluno que tome posicionamento emitindo um juízo pessoal.

	Diferencia-se da dissertação porque é pedida a opinião pessoal do aluno sobre o assunto apresentado.
CRUZADA	É apenas um dispositivo de respostas e não uma técnica. Para obter as respostas, utilizam-se outras técnicas; evocação, lacuna, dedução, identificação, gravuras, etc. Caracteriza-se pela dica do número de letras do termo pedido ou palavra-chave.
LOTERIA	Tal como a cruzada, é apenas um dispositivo prático associado a outras técnicas, principalmente Falso/Verdadeiro, Associação, Escolha simples, Correspondência.

Requisitos para elaboração de questões de múltipla escolha

Para a elaboração de questões de múltipla escolha, evitar incluir afirmações, situações, usos, exemplos, vocabulário, objetos, informações que possam caracterizar-se como:

- viés cultural ou discriminação e preconceito em relação a gêneros, etnias, profissões, crenças, religiões ou de outra natureza;
- apologia a comportamentos e condutas em desacordo com preceitos educativos e legais (droga, bebida, aborto, crime, arma ou incitação à violência);
- propaganda de produtos, marcas ou estabelecimentos comerciais;
- evitar a abordagem de temas que são controversos entre os próprios especialistas da área;
- não elaborar itens contendo "pegadinhas". O item não deve ser enganoso, induzindo o aluno ao erro;
- evitar que o item teste a capacidade de memorização em vez do conhecimento do aluno. Se houver necessidade de definição ou de fórmula, forneça-as;
- evitar a utilização de termos como: "sempre", "nunca", "todo(a)", "totalmente", "absolutamente", "completamente" e "somente";
- usar a linguagem adequada ao público alvo. A linguagem deve ser clara e direta, levando o aluno a compreender imediatamente o objetivo da questão proposta;
- redigir o enunciado e as alternativas em termos impessoais e de modo que sejam gramaticalmente consistentes, sem dicas verbais;
- escrever alternativas de forma que não sejam mutuamente excludentes e que tenham a mesma estrutura, paralelismo e tamanho e estejam coerentes com o enunciado quanto ao conteúdo e aos aspectos lingüísticos, abordando os conteúdos com homogeneidade. Por exemplo, as alternativas devem tratar da mesma categoria, espécie, abrangência, etc;
- ordenar de maneira lógica (ordem alfabética do texto, cronológica, crescente ou decrescente);
- utilizar pontuação correta:
 - se o enunciado for uma frase incompleta, que deva ser corretamente completada pelas alternativas, estas devem começar com letras minúsculas e terminar com ponto apropriado para a frase (ponto final, interrogação, exclamação, etc.);
 - caso o enunciado seja uma pergunta, este deve terminar com uma interrogação e as alternativas devem começar com letras minúsculas e terminar com ponto final;

- quando o enunciado for uma pergunta e as alternativas forem construídas com palavras ou frases curtas incompletas, cada alternativa deve começar com letra maiúscula e não apresentar pontuação no final (Hopkins, Stanley, Hopkins, 1990).

Como vimos anteriormente, a organização e a elaboração de instrumentos de avaliação exigem do professor a atenção especial sobre:

- os objetivos a serem alcançados pelos alunos;
- a natureza do componente curricular;
- os métodos e procedimentos utilizados durante as aulas;
- as condições de tempo do professor.

Etapas de elaboração de um item

- a) conhecer o Projeto Pedagógico do Curso;
- b) transpor para o Plano de Ensino as competências, habilidades e atitudes adequadas a cada disciplina;
- c) analisar a operação mental que envolve a resposta;
- d) definir a situação problema a ser trabalhada no item, considerando os diferentes níveis de habilidades ou conhecimentos;
- e) elaborar o enunciado (instrução precisa para a resposta de maneira positiva);
- f) elaborar as alternativas (uma lista de 4 ou 5 opções de respostas ou distratores);
- g) verificar a redação e a apresentação do item;
- h) certificar-se de que há apenas uma única resposta correta;
- i) dar preferência a itens por complementação e interrogativas;
- j) revisar o item algum tempo após a sua elaboração.

Validade do item

O item deve possibilitar:

- a) a identificação da habilidade prevista na correspondente competência estabelecida;
- b) o reconhecimento da complexidade da tarefa solicitada e do objeto sobre o qual deve incidir;
- c) a afirmação de quem respondeu apropriadamente a questão proposta e tem habilidade requerida pela competência estabelecida.

Processo de Revisão

É recomendável que, ao concluir a elaboração de cada item da prova, o professor deve aguardar algum tempo e reexaminá-la a partir dos seguintes pontos:

1 - Quanto ao enunciado

- a) A situação-problema abordada no item é atraente e contribui de alguma forma para o crescimento do aluno?
- b) O texto está correto e adequado em relação à digitação, contextualização, conteúdo abordado, compreensão dos alunos e extensão da prova?
- c) É apresentado um único problema?
- d) Contém informações essenciais para a solução do problema proposto?
- e) É adequado à dificuldade pretendida?

f) Contém afirmações preconceituosas?

2 - Quanto às alternativas

a) A alternativa correta é indiscutivelmente a única?

b) São homogêneas em relação à forma e conteúdo, integrando uma mesma família de fatos e idéias?

c) São independentes, sem subentendidos ou referências às alternativas anteriores?

d) Contêm pistas ou pegadinhas que induzem o aluno a erros?

e) Contêm palavras como "sempre", "nunca", "tudo", "só", "somente", "alguns", "geralmente"?

3 - Quanto ao item como um todo

a) Está redigido de forma clara e correta, segundo os padrões da norma padrão da Língua Portuguesa?

b) O item contém expressões regionalistas?

c) As ilustrações apresentam-se claras, pertinentes e necessárias, com informação completa, incluindo a fonte original dessas representações?

d) Há qualquer relação entre os itens que possam se caracterizar como facilitador da resposta a outro item?

e) Há correspondência entre o objetivo / competência / habilidade que se pretende avaliar e o item?

f) Os textos-base apresentam coerência, coesão além da citação segundo as normas da ABNT?

• Prova Dissertativa

A prova é um instrumento destinado a avaliar conhecimentos a partir de um conjunto de questões ou temas que admitem diferentes maneiras de responder de forma correta. Elas podem se subdividir em subjetivas delimitadas e subjetivas dissertativas.

A prova dissertativa avalia a profundidade de conhecimentos e habilidades.

Vantagens:

- fáceis de elaborar;
- dificultam a cola;
- impedem o chute e o azar;
- oportunizam a criatividade e a originalidade;
- exigem o raciocínio;
- testam o domínio global do tema;
- promovem, conseqüentemente, o estudo;
- possibilitam avaliar o conteúdo com profundidade.

Desvantagens:

- dificultam a correção;
- entram mais fatores subjetivos do professor na avaliação;
- exigem mais tempo para a correção.

Crítérios de elaboração quanto ao conteúdo

- as questões devem cobrir apenas o conteúdo programado;
- deve solicitar-se o essencial, desconsiderando o anedótico;

- as questões (mesmo as objetivas) devem apresentar-se exigindo o raciocínio para responder a elas;
- a ordem das questões deve propor-se das mais fáceis para as mais difíceis;
- a complexidade das respostas deve ser: 20% fáceis; 60% médias; 20% difíceis,
- as questões óbvias, como as questões acima dos objetivos propostos, deverão ser evitadas;
- não repetir, mesmo que seja com técnicas diferentes, a cobrança do mesmo assunto no mesmo instrumento de avaliação;
- é essencial, para a compreensão e o raciocínio, que qualquer conteúdo de uma prova seja unitário e tenha sido totalmente desenvolvido.

Quanto à Redação

Cada questão deve ser formulada com clareza, mencionando a habilidade que se deseja que o aluno desenvolva.

Atribuição de valor às questões:

- todo enunciado deve ser simples, claro e conciso, sem qualquer dupla interpretação ou ambigüidade;
- o significado dos termos usados no enunciado deve ser do domínio do aluno. Sem entender a pergunta não é possível dar uma resposta;
- as proposições devem ser sintéticas e claras, evitando frases extensas e complexas;
- nenhum enunciado deve incluir a resposta à pergunta de outro;
- todo instrumento de avaliação deve recorrer à maior diversidade de técnicas;
- o dimensionamento da prova deve ser proporcional ao conteúdo e ao tempo destinado para sua aplicação;
- as questões devem ser gabaritadas para facilitar a análise e garantir a sua coerência e viabilidade.

Quanto à sua Organização

- a prova dissertativa não pode restringir-se a pedir que os alunos repitam o que está no livro didático;
- a prova deve estar adequada aos objetivos e atividades que foram desenvolvidas durante as aulas;
- a prova deve possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico.

12.2.7 Quando evitar a prova

Evitar a prova quando for

- aplicada tradicionalmente para reforçar o instrucionismo – reprodução do que foi reproduzido em sala de aula; não possuir valor formativo;
- exigida a memorização reproduzida, em geral com perguntas e respostas fechadas e por vezes facilitadoras da obtenção da nota;
- vinculada a obtenção de uma nota com fim em si mesma. "A corrida pela nota é competitividade depravada porque se substitui o compromisso formativo pela disputa acirrada" Demo (2004, p. 129);
- ignorado o saber pensar, porque não promove a elaboração própria da habilidade de argumentar;
- aplicada em ambiente estereotipado, com forte vigilância, controle e ameaça;
- proliferada a "cola" para facilitação das respostas às questões objetivas;
- repasse de conteúdos, cabendo aos alunos ouvir, anotar e desenvolver na prova;
- surpreender o aluno em dia ruim, com problemas de saúde ou afetivos;
- impor padrões de desempenho iguais para todos, à revelia das diferenças;
- elaborada sem um plano que estabeleça os conhecimentos e habilidades necessárias que o aluno

deve adquirir.

Para Demo (2005, p. 36) Em muitos casos, a prova escancara a pobreza da instituição educacional quando avalia referências irrelevantes.

“A prova é a cara disso: grande parte delas é estúpida, imbecilizante. À medida que submetemos os alunos a diatribes da memorização mecânica, impedimos sua autonomia”.

12.2.8 As faces negativas da avaliação

Demo (2004, p. 116) propõe uma reflexão sobre as faces negativas da avaliação:

a) Sempre injusta: não existe possibilidade de avaliar seres humanos por outros seres humanos de forma justa, porque não é viável estabelecer padrões unitários de pano de fundo normativo, a não ser de maneira muito aproximativa; não há como dar conta de toda a complexidade humana; toda avaliação é, nisto, muito reducionista.

b) Sempre incômoda: não é possível desfazer o laivo negativo da avaliação, porque entre avaliador e avaliado estabelecem-se, inevitavelmente, clivagens de poder; em parte, o poder do professor está em poder reprovar; avaliação é procedimento tão incômodo que o primeiro a fugir dela é o próprio avaliador: detesta ser avaliado.

c) Sempre incompleta: não é viável imaginar que o avaliador dá conta por completo do aluno avaliado, já que a avaliação é expressa sempre de alguma forma reduzida, a começar pela idéia encurtada da nota; ao mesmo tempo, a dinâmica da aprendizagem é tão complexa, que seria ridículo pretender expressar tamanha abundância em alguns indicadores; a avaliação por meio do QI é muito criticada, porque excessivamente reducionista e racionalista, mas, no fundo, toda avaliação, por mais que busque ser ampla e respeitosa, é extremamente incompleta.

d) Sempre ideológica: não se pode camuflar a relação de poder entre avaliador e avaliado; por maior boa vontade do avaliador; acaba não escapando de propensões que mais cedem ao contexto de poder, do que ao contexto da aprendizagem; por vezes, busca-se fugir disso por meio de “avaliações objetivas” (que resultam geralmente em mensuração rasa de domínio de conteúdos), mas isto é apenas metáfora: este tipo de avaliação acomoda-se melhor às expectativas de mensuração, não à riqueza transbordante da dinâmica de aprendizagem.

e) Facilmente autoritária: por meio da avaliação o professor tende a impor seu modo de ver, não promovendo a habilidade de alternativas criativas; quanto mais reprodutiva, mais autoritária é a avaliação.

f) Facilmente excludente: tende a estabelecer o que o aluno não sabe, ou seja, a medir sua ignorância, sem levar em conta o que já aprendeu ou está aprendendo; em vez de estratégia de aprendizagem decai para a estigmatização;

g) Facilmente humilhante: em particular notas podem instilar este estigma quando se divide a turma entre os que avançam e os que se atrasam, entre os que passam de ano os que repetem, entre os válidos e os inválidos;

h) Facilmente insidiosa: sobretudo quando se produzem escalonamentos dos alunos e se colocam

a público, declara-se uma possível corrida pelos primeiros lugares, passando a valer mais o prestígio do que a aprendizagem.

12.2.9 Sentido ético da avaliação

De todas as aprendizagens sobre avaliação, há uma de grande relevância para a prática pedagógica por tratar-se da constituição da identidade do professor e do aluno. Trata-se do desafio de ser ético – obviamente não só na avaliação da aprendizagem, mas como esse processo se dá na relação pedagógica com o outro e é parte integrante do processo de formação, não se pode excluí-lo do contexto.

Vygotsky (1988, p. 68) afirmou que "na ausência do outro, o homem não se constrói homem" e que "a relação do ser humano com o meio é sempre uma relação ativa e transformadora".

É, portanto, do encontro com o outro que o conhecimento se constrói numa dimensão ética desde a aquisição, à distribuição e o uso que se faz dele.

Essa premissa nos ajuda compreender que só é possível a existência da ética no continuum do viver,

à medida do autoconhecimento do sujeito, na relação com os outros e com o mundo. Isto é, as pessoas se tornam éticas a partir dos processos formativos disponibilizados nos mais diversificados ambientes. Especificamente no contexto educacional, a avaliação contribuiu significativamente para o autoconhecimento, já que possibilita a reflexão por meio da constatação do que foi possível aprender, o como aprender e para que aprender.

A ética, portanto, está inserida num contexto, numa dada situação, em que a subjetividade dos que nela convivem está permeada de intencionalidade.

Avaliar é, nessa perspectiva, agir por motivos (lógicos e ilógicos) que incidem sobre as conseqüências decorridas desse modo de intervir.

Ao agirmos, interferimos no modo de ser do outro. Quando avaliamos interferimos na condição de aprendizagem do aluno, mexemos com sua auto-estima, com o seu modo de perceber o mundo e o conhecimento.

Luckesi (1995) define a avaliação como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si é um ato acolhedor, integrativo e inclusivo.

Leia a seguir, a experiência de Paulo Freire (1996, p. 48)

"O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolveu-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a própria nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível, confiar em mim, mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu...
Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente

nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente”.

Responda:

- Que importância tem os gestos de um professor para o aluno?
- Consegue identificar na atitude do professor um sentido ético. Como?
- Por que há alunos que colam?

Atenção!

Para discutirmos melhor o tema, participe de um Chat sobre cola. Fique atento para a data no mural notícias.

Leia o texto:

"[Vamos acabar com as notas](#)" de Stephen Kanitz e discutir num fórum:

Você é a favor das notas para medir a aprendizagem dos alunos:

Atenção!

Para discutirmos melhor o tema, participe de um Fórum. Fique atento para a data no mural notícias.

REFLEXÕES INCONCLUSAS

Você iniciou os estudos desta disciplina com as sábias palavras do Padre Antonio Vieira, transliteradas para a ação docente no âmbito da sala de aula do ensino superior.

Para concluir as discussões sobre avaliação da aprendizagem e da disciplina, você lerá, uma vez mais, fragmentos de um sermão do Padre Antonio Vieira que diz:

“Reparai: (...) entre o semeador e o que semeia há muita diferença: (...) o semeador e o pregador é o nome; o que semeia e o que prega é a ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. (...) hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiros sem balas; atiram mas não ferem. O pregar que é falar, faz-se com a boca; o pregar que é semear faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras”.

Como diria também Paulo Freire (1996, 38): “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem”.

Ou então,

“Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo”.

Analogamente ao que prega e ao que semeia, o professor tem diante de si um conteúdo que não é só conhecimento, mas o poder da influência do que ele é como pessoa de ação e intervenção.

Portanto, o ato de ensinar e o ato de avaliar compreendem os dois lados de uma só moeda: a educação.

Torna-se, pois, necessário perguntar o que é um professor e o que representa o ensino e a avaliação.

Perrenoud (1999, p. 180) afirma que o ensino é uma profissão relacional. "As profissões relacionais complexas, além de competências, mobilizam fundamentalmente a pessoa que intervém; é o principal instrumento de trabalho. É com seu espírito, mas também os sentimentos, o corpo, as entranhas, as palavras e os gestos que tenta dar sentido aos conhecimentos e influenciá-los".

Para isso, um bom educador deverá possuir uma inesgotável disponibilidade afetiva.

Não será exagero afirmar que: "é difícil precisar quando e como o mestre torna-se um mestre. A força do mestre é uma responsabilidade assumida. Primeiramente, responsabilidade para com os outros, pois o mestre descobre que ele tem responsabilidade de alma. Vivia até então confiando nos outros; agora são os outros que devem confiar nele". (GUSDORF, 1995, p. 85).

Embora o conhecimento seja um dos requisitos fundamentais para um bom desempenho profissional, ele torna-se bastante secundário na medida em que alguém é capaz de acreditar na dignidade humana e reconhecer a responsabilidade que lhe compete como educador e como pessoa.

Atividade

1) Pense, reflita, e escreva para cada forma de comunicação de resultados de desempenho, as vantagens e desvantagens.

Inclua, outra forma de comunicação de resultados de desempenho que conheça.

Formas de Comunicação	
Vantagens	Desvantagens

2) Qual delas considera mais completa e apropriada no ensino superior?

Eis o sentido de pregar e semear!

